

## O ESTADO DE S. PAULO

Publicado desde 1875

AMÉRICO DE CAMPOS (1875-1894)  
FRANCISCO RANGEL PESTANA (1875-1890)  
JULIO MESQUITA (1885-1927)  
JULIO DE MESQUITA FILHO (1915-1969)  
FRANCISCO MESQUITA (1915-1969)

LUIS CARLOS MESQUITA (1952-1970)  
JOSÉ VIEIRA DE CARVALHO MESQUITA (1947-1988)  
JULIO DE MESQUITA NETO (1948-1996)  
LUIS VIEIRA DE CARVALHO MESQUITA (1947-1997)  
RUY MESQUITA (1947-2013)

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO  
PRESIDENTE  
ROBERTO CRISTISSIMA MESQUITA  
MEMBROS  
FRANCISCO MESQUITA NETO  
JULIO CESAR MESQUITA  
LUIS CARLOS ALENCAR  
RODRIGO LARA MESQUITA

DIRETOR PRESIDENTE  
FRANCISCO MESQUITA NETO  
DIRETOR DE JORNALISMO  
EURÍPEDES ALCANTARA  
DIRETOR DE OPINIÃO  
MARCOS GUTERMAN

DIRETORA JURÍDICA  
MARILANA UEMURA SAMPAIO  
DIRETOR DE MERCADO ANUNCIANTE  
PAULO BOTELHO PESSOA  
DIRETOR FINANCEIRO  
SERGIO MALSUEIRO MOREIRA

## NOTAS E INFORMAÇÕES

# 'Todos sabem o que o governo quer da Petrobras'



**Ministro Silveira deixa claro que é o governo quem manda na estatal e que ela retomará a 'política correta' que o lulopetismo adotou no passado – aquela que quase quebrou a empresa**

O ministro das Minas e Energia, Alexandre Silveira, concedeu um punhado de entrevistas às vésperas da aprovação do nome de Magda Chambriard como nova presidente da Petrobras – o que ocorreu em tempo recorde e dispensando a praxe da votação dos acionistas reunidos em assembleia – com o ostensivo propósito de frisar que quem manda na companhia é o governo, não seus executivos nem muito menos os acionistas privados. E “todos sabem o que o nosso governo quer da Petrobras”, declarou ao *Estadão*.

Ao jornal *O Globo*, por exemplo, Silveira deixou claro que, para o governo petista, a administração da Petrobras nos mandatos anteriores de Lula da Silva foi “correta”, e só não entregou os resultados esperados porque “a Petrobras ficou paralisada por causa da Lava Jato”. Ou seja, para o ministro, não fosse a Lava Jato, que flagrou um colossal esquema de corrupção na Petrobras, a estatal teria voado.

Assim, Silveira matou dois coelhos com uma só declaração: atribuiu à Lava Jato a ruína da Petrobras, quando todos sabem que a empresa foi ao brejo por

causa do seu escancarado uso político pelos governos petistas; e considerou “corretos” justamente os megalomânicos planos desenvolvimentistas de Lula e Dilma Rousseff que dilapidaram a empresa.

Portanto, devemos agradecer ao ministro pela transparência. Ninguém mais no Brasil pode dizer que não foi avisado das intenções de Lula na Petrobras.

É verdade que a Petrobras é controlada pela União, razão pela qual seria ingenuidade supor que a empresa fosse atuar sem levar em conta os interesses do governo. Por outro lado, essa característica não significa que o governo possa fazer da estatal o que bem entender, porque uma má administração desta que é a maior empresa do País gera prejuízos para todos.

E foi isso precisamente o que aconteceu durante o trevosso mandarato lulopetista ao qual o sr. Silveira aludiu. Em frentes simultâneas foram tocados projetos grandiosos que partiam do zero, como a construção de estaleiros e navios, criação de polos petroquímicos, grandes refinarias, gasodutos e plataformas. Tudo ao mesmo tempo, movimentando um volume de recursos que obrigou a companhia a contrair uma dívida que chegou a ultrapassar meio trilhão de reais (R\$ 507 bilhões, em setembro de 2015, ante um caixa de pouco mais de R\$ 100 bilhões na época).

Obviamente, nada disso importa para o governo. O movimento de Silveira – integrante do Centrão que se tornou um dos ministros mais influentes de Lula – pareceu ter como alvo a própria Magda Chambriard. Depois da gestão

do petista Jean Paul Prates, demitido de forma sumária apesar de fazer quase tudo o que seu chefe mandou, o ministro deixa claro que não basta concordar com a estratégia estipulada pelo governo. É preciso ser veloz na execução e não questionar. Difícil acreditar que o recado do ministro tenha sido dado sem o aval do demiurgo petista.

O ministro Silveira sustenta que a Petrobras não é só uma empresa de petróleo e que tem outras obrigações com o Brasil, mesmo se tiver de renunciar ao lucro. Cita a produção de gás e fertilizantes, além do refino, para enfatizar que caberá ao presidente Lula, o verdadeiro CEO da empresa, a decisão final sobre os investimentos.

Logo, a nova presidente da Petrobras deve obedecer cegamente ao chefe, algo que, segundo Silveira, Magda Chambriard certamente fará, porque “as mulheres, quando pegam essa missão, o fazem com muito zelo”. Magda é funcionária de carreira da Petrobras e foi diretora-geral da Agência Nacional do Petróleo, Gás e Biocombustíveis. Sua linha de pensamento está em linha com os ideais do lulopetismo para o setor, desde a necessidade de investir em refino até a valorização da política de conteúdo local.

Resta saber se Magda Chambriard respeitará o alinhamento também em questões comerciais, como a definição do preço dos combustíveis, tão cara ao presidente da República, preocupado com o impacto na inflação. Mas o ministro deixou claro que a nova presidente da Petrobras terá de ter a “humildade” de fazer tudo o que o controlador mandar. ●

## Uma verdade inconveniente

**A este jornal, o ensaísta Francisco Bosco admitiu que Olavo de Carvalho acertou ao dizer que os esquerdistas dominam as universidades. Foi o que bastou para apanhar desses intolerantes**

Em entrevista ao *Estadão*, o insuspeito ensaísta Francisco Bosco deu uma declaração que provocou a ira de muitos abutres da esquerda, adeptos do violento tribunal das redes sociais: reconheceu um acerto de Olavo de Carvalho, o ex-astrólogo convertido em guru de Jair Bolsonaro e da extrema direita brasileira. O acerto em questão, tratado pelos algozes do entrevistado com simplificações e clichês, parece inquestionável a Bosco, a este jornal e a qualquer pessoa que conheça o universo acadêmico do Brasil e preze a boa convivência democrática no debate público: nossas universidades concentram excessivamente uma perspectiva ideológica e política de esquerda e, mais do que isso, o ambiente acadêmico e inte-

lectual tenta excluir grandes dissensos e reage violentamente a qualquer tentativa de ocupação de espaços por parte de pensadores conservadores.

Sem pluralidade e diversidade, um debate empobrecido emerge dos circuitos universitários e avança para todo o universo cultural do País, razão pela qual, como afirmou Bosco, a palavra “intelectual” é hoje “vista sob suspeita de elitismo e concentração ideológica”. Mas bastou o reconhecimento do ensaísta estar resumido no título da entrevista e nas postagens das redes sociais – *Olavo de Carvalho tinha razão*, alusão aos cartazes que manifestantes de direita conduziam nos protestos de 2013 – para que os vândalos da reputação alheia se ouçassem. Não custa dizer: no conjunto da obra, sobretudo quando, mais recentemente,

se tornou o sinônimo da desonestidade intelectual e da paranoia destrutiva que tão bem definem o bolsonarismo, Olavo está longe de ter razão. Mas não é preciso admirá-lo para reconhecer sua influência sobre um campo que nunca se viu representado na universidade e na política nem o acerto de suas reflexões sobre intelectuais acadêmicos. Foi o que Bosco fez na entrevista.

O mundo implacável, tóxico e superficial das redes, no entanto, costuma oferecer escasso espaço para reflexões complexas, invariavelmente substituídas por desqualificações grosseiras a partir do primeiro sinal de dissenso. Houve até quem levantasse a hipótese de que a entrevista publicada pelo *Estadão* fosse *fake news*. Não raro se ignorou o próprio conteúdo da entrevista, em que se vê uma tese cristalina, isto é, a de que o guru do bolsonarismo tinha razão num ponto: há concentração ideológica e elitização no debate intelectual nas universidades, sobretudo no campo das ciências humanas e particularmente na filosofia, nas letras e nas ciências sociais. E Bosco a demonstrou, não sem desconforto ante a natureza abominável de Olavo de Carvalho.

Assim resumiu o ensaísta ao *Estadão*: “Eu estudo (...) um autor de direita que fez uma verificação nos bancos do CNPq e mostrou que alguns dos

autores conservadores mais importantes do mundo praticamente não são mencionados nas teses de ciências humanas do Brasil. A pessoa que talvez primeiro tenha falado sobre isso, e nem sempre da melhor maneira, foi o Olavo de Carvalho. Embora me custe dizer essa frase, eu a digo (...) sem problema algum: Olavo tinha razão nesse ponto”. Uma constatação que não é de hoje – nem restrita a um intelectual público independente como Bosco ou à extrema direita. Há mais de 50 anos, o professor da USP Roberto Schwarz, referência entre intelectuais de esquerda, já apontava isso num estudo sobre o período que antecedeu o golpe militar de 1964. Schwarz constatou então que nem mesmo a instauração da ditadura impedira a preservação do domínio cultural da esquerda.

O episódio ilustra o ar rarefeito sentido hoje no debate público brasileiro, no qual a lógica de grupo se sobrepõe à necessária liberdade de divergir e conviver. Um modo tribal de encerrar o mundo, os valores e as ideias leva à sensação de ameaça permanente nos grupos e identidades que se enfrentam. As tribos da esquerda que gritaram agora, resta o alerta: se prosseguir reagindo assim, obrigarão alguns a dizer que a esquerda é burra – e aí Olavo de Carvalho terá, infelizmente, acertado de novo. ●